direção do tratamento

O trauma é o infantil – cena primária: verdade e ficção no caso do "homem dos lobos"

Ana Laura Prates

A *História de uma neurose infantil* foi publicada por Freud em 1918, quatro anos após o término do tratamento daquele que ficou conhecido como *O Homem dos Lobos*.

Em primeiro lugar, é fundamental fazermos uma observação sobre o título dado por Freud: *História de uma neurose infantil*. Este título responde à sua necessidade de responder às objeções de Adler e Jung quanto à etiologia sexual e infantil dos sintomas neuróticos[1]. O historial clínico do caso do *Homem dos Lobos* talvez como nenhum outro revele que, na escrita freudiana, abrir mão da idéia de infância como uma fase da vida esquecida a ser rememorada na análise em nada invalida a noção do "infantil" como o lugar – na fantasia – do traumático encontro com o significante, ou melhor, com o limite do mesmo para significar a falta estrutural. A partir do ensino de Lacan, pode-se compreender a virada teórica realizada por Freud, do trauma à fantasia, como a passagem da infância – no nível da cronologia – para o "infantil" – como topologia. A passagem do infantil à estrutura[2] implica uma operação que deixa um resto inacessível ao saber inconsciente. É, entretanto, a partir da lógica da fantasia que o sujeito pode construir uma ficção sobre a causa de seu desejo.

Não é minha intenção neste trabalho entrar no amplo debate a respeito do diagnóstico estrutural do paciente, mas sim acompanhar a extensa discussão realizada por Freud e articulada por Lacan a respeito da "realidade" da cena primária e sua relação com a lógica da fantasia.[3]

Para introduzir a questão, farei uma breve retomada do caso a partir dos tempos da construção do mesmo em análise. Quanto a esse ponto, aliás, Freud adverte: "Não posso desenvolver exclusivamente uma história do tratamento, tampouco uma história da doença, mas me vejo obrigado a combinar ambas entre si"[4]. Trata-se de uma importantíssima decisão clínica, na medida em que torna indissociável a construção da neurose das construções em análise, abrindo uma questão fundamental para a psicanálise sobre o estatuto da verdade

[1] Na primeira página do texto, Freud afirma: "Escrevi esse presente historial clínico recém terminado o tratamento do caso, no inverno de 1914 a 1915, e sob a impressão das alterações que tentavam introduzir Jung e Adler nos resultados psicanalíticos. Enlaça-se, pois, ao ensaio intitulado "História do movimento analítico" e completa, com revisão objetiva do material analítico, a polêmica essencialmente pessoal integrada em dito ensaio." Freud. Historia de una neurosis infantil (caso del "Hombre de los lobos") (1918/1981, p. 1941)

[2] Sauret. *De l'infantile à la structure* (1992)

[3] Peter Gay levanta a hipótese de que talvez Freud não tenha "enxergado" a Psicose do "Homem dos Lobos" devido à sua preocupação em provar a incidência da sexualidade infantil na etiologia da neurose. Quanto à questão do diagnóstico estrutural do sujeito, pode-se consultar o texto de Antonio Quinet publicado no livro "Teoria e clínica das psicoses" ou "Notas sobre os diagnósticos difíceis em psicanálise", de Gabriel Lombardi.

[4] Freud. Historia de una neurosis infantil (caso del "Hombre de los Lobos") (1918/1981, p. 1944).

Em uma nota, aliás, Freud desaconselha com veemência que o psicanalista recorra a familiares na tentativa de verificar a fidedignidade das lembranças ou suprir possíveis lacunas no relato do paciente – advertência que devemos tomar ao pé da letra, principalmente quando atendemos crianças.

Vamos ao caso. Em primeiro lugar, Freud isola dois tempos da neurose infantil: o primeiro diz respeito ao desenvolvimento de uma atitude perversa e cruel com animais, que não correspondia ao comportamento anterior do sujeito. Essa mudança ocorre aos três anos e meio de idade.

O segundo tempo corresponde à eclosão da angústia e da fobia quando o menino tinha quatro anos. Inicia-se então uma intensa formação de sintomas obsessivos, incluindo rituais religiosos antes de dormir.

Freud levanta, inicialmente, a hipótese de esses dois tempos estarem divididos por um evento traumático:

Criança cordata → **T1**: Súbita mudança: → **T2**: Angústia
e bondosa
↓ **Evento traumático** ↓
Atitude cruel Fobia
↓
Sintomas obsessivos

Antes, porém, de entrarmos nesse ponto nodal, voltemos ao primeiro tempo da neurose infantil.

Durante sua análise, o paciente relata uma lembrança da infância: o vento levantando o chapéu de sua governanta.

A presença dessa governanta na vida do menino é de fundamental importância. Antes de uma mudança de cidade, ele estava sob os cuidados de uma babá idosa e humilde que havia perdido um filho e que substituía a sua mãe doente nos cuidados a ele dispensados. Durante este período, recorda-se de ter visto meninas urinando, mas sem que isso lhe despertasse angústia. Freud comenta que havia aí uma negação da diferença sexual e, portanto, da castração. Com efeito, nesse período, ele ouvia os contos do *Chapeuzinho Vermelho* e do *Lobo e as sete cabritas* sem que eles lhe causassem medo.

Após um verão em que os pais viajam, as crianças (ele e sua irmã mais velha) ficam com uma governanta inglesa que rivaliza com a antiga babá, provocando no menino um claro posicionamento a favor desta última.

De fato, até o momento preciso da análise em que ele tem a lembrança do chapéu da governanta, não se havia encontrado uma explicação plausível para sua súbita alteração do caráter aos três anos e meio.

Na sessão em que o paciente faz tal relato, Freud a considera uma lembrança encobridora, comunicando essa construção ao paciente. Tal pontuação provoca alguns sonhos, nos quais ele realiza atos agressivos em relação à irmã e à governanta, recebendo castigos como conseqüência.

Essas fantasias, segundo Freud, revelam um desejo antitético do paciente, realizando um papel ativo perante uma irmã que, em realidade, tinha um caráter inteligente, masculino e era muito admirada pelo pai.

Essa hipótese é confirmada pelo paciente, que recorda cenas de sedução sexual por parte da irmã em relação a ele. A sedução desperta o interesse sexual do sujeito, que passa a se masturbar na frente da babá. Esta, entretanto, o repreende enfaticamente.

Eis, segundo Freud, a causa da mudança súbita de caráter: a repressão da masturbação provoca uma regressão e a vida sexual do sujeito toma um caráter sádio-anal representado pelo ato de bater nos animais.

Essa hipótese é corroborada pelas recordações das fantasias contemporâneas a essa fase, nas quais crianças sofriam maus tratos e golpes, sobretudo no pênis e "o herdeiro do trono era trancado no calabouço".

Freud considera que tal regressão é acompanhada por um deslocamento do objeto sexual, da babá para o pai, sendo que a tendência libidinal ativa que tomava o pai como objeto de identificação transforma-se em uma tendência passiva. Isso explicaria o comportamento agressivo do sujeito, que obrigava o pai a castigá-lo, somado ainda à satisfação do sentimento de culpa.

Retomemos, então, as construções em análise do que Freud chamou do T1 da neurose:

1) *lembrança*: o vento levantando o chapéu da governanta
Freud: trata-se de uma lembrança encobridora
2) *sonhos*: agressões dirigidas à irmã e à governanta, recebendo castigos como conseqüência
Freud: inversão do papel passivo perante a irmã
3) *lembrança*: fantasias com crianças sendo espancadas na mesma época dos sonhos
Freud: sedução sexual da irmã em relação a ele

Temos, portanto, cronologicamente, a seguinte seqüência inferida a partir das construções em análise:

1. Investigação, infantil amor pela babá (substituta da mãe)
2. Sedução ativa da irmã
3. Entrada da governanta (ameaça a relação com a babá)
4. Masturbação: "bate-se numa criança"
5. Repressão → ameaça da castração
6. Súbita mudança de caráter → repreendido pelo pai

Ainda seria preciso, entretanto, descobrir "de onde veio a súbita alteração de caráter do menino, que significação tiveram sua fobia e suas perversidades, como chegou a sua religiosidade obsessiva e qual é a relação que enlaça todos esses fenômenos"[5].

[5] Freud. *Ibid*, p. 1947.

Embora a primeira parte da construção da neurose estivesse parcialmente explicada, restava a enigmática passagem para os sintomas propriamente obsessivos.

Inicia-se uma virada surpreendente no texto de Freud: lá onde ele supôs, num primeiro momento, a existência de um *trauma*, surge a lembrança de um *sonho* que ocorreu alguns dias antes de o sujeito fazer quatro anos.

O que há, então, entre o primeiro tempo e o segundo tempo da neurose infantil é um *sonho*. O sonho dos sete lobos brancos numa árvore, que o olhavam fixamente e que iriam comê-lo.

T1 → **T2**
Trauma
↓
Sonho

A interpretação deste sonho, segundo Freud, levou vários anos. A presença dos lobos ressignificava os contos infantis, e a árvore produziu uma associação com o Natal, próximo ao seu aniversário de quatro anos.

O olhar fixo dos lobos, entretanto, intriga Freud, que levanta a hipótese de uma transformação no contrário: teria o menino visto algo em movimento?

Essa interpretação provoca a lembrança de uma cena ainda mais precoce: a chamada *cena primária*. Com um ano e meio, o menino teria visto um coito a tergo de seus pais, no qual pôde ver os genitais de ambos.

Assim, o lobo, que lhe dava medo, era, segundo Freud, indubitavelmente, o pai em posição ereta.

Essa cena justificava, aliás, seu interesse especial por essa posição sexual. Freud comenta que essa cena foi ativada pelo sonho dos lobos aos quatro anos: "A cena atua *a posteriori* sem haver perdido nada no intervalo entre um ano e meio e quatro anos"[6].

[6] Freud. *Ibid.* p. 1965.

←

1 ano_____4 anos (cena ativada pelo sonho)

Assim, segundo Freud, o sonho representaria uma ressignificação do real da diferença sexual vivenciada até então simplesmente como polaridade de ativo/passivo.

O fim sexual passivo (regressivo) se converteu, então, em feminino e sucumbiu ao recalque, sendo substituído pelo medo do lobo. No sonho, o menino se identifica com a mãe castrada e resiste a essa identificação.

Freud encaminha uma discussão que nos interessa especialmente, a respeito da realidade ou não da cena primária. Embora epistemologicamente ele acabe por concluir pela sobredeterminação, sua conclusão clínica é surpreendente. Diz Freud, quanto à possibilidade de essa cena não ser uma lembrança, mas uma fantasia do sujeito já na fase adulta:

> Tal concepção não torna consigo modificação alguma imediata na prática da análise. (...) Uma vez que o neurótico entranhe a perniciosa particularidade de separar seu interesse do presente e aderi-lo a substituições regressivas, produto de sua fantasia, não podemos fazer mais que segui-lo em seu caminho, ainda que careça de todo valor de realidade. (...) Estas cenas infantis não são reproduzidas na cura como lembranças, mas são resultado da construção. (...) Essas lembranças, antes inconscientes, não têm sequer que ser reais, podem sê-lo, mas muitas vezes foram deformadas com elementos fantasiados, tal como ocorre nas lembranças encobridoras.[7]

[7] Freud. *Ibid*, p. 1966-1967.

A questão a respeito da realidade ou não da cena primária poderia nos conduzir a uma substituição do suposto evento traumático por uma fantasia, mantendo, entretanto, a idéia de uma experiência de rememoração como uma retrospectiva cronológica. Neste caso, bastaria substituir, em nosso esquema, o trauma pela fantasia:



Fantasia
Trauma

A análise visaria, portanto, não à lembrança de uma cena vivida, mas de uma cena fantasiada que, entretanto, já estaria lá para ser encontrada[8].

O caminho que Lacan percorre ao longo de seu ensino na elaboração de uma lógica da fantasia aponta para outra perspectiva. Neste sentido, desde *A instância da letra no inconsciente* (1957) Lacan insiste que as articulações lógicas representadas na encenação onírica são homólogas às do discurso. E acrescenta: "entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo ao qual vem a substituir numa cadeia significante atual, passa a centelha que fixa num sintoma a significação inacessível ao sujeito"[9]. Em *Subversão do sujeito* (1960), Lacan volta a essa questão, dizendo que o inconsciente freudiano é a cadeia de significantes que se repete numa Outra cena. Freqüentemente, aliás, Lacan retoma o próprio caso do Homem dos Lobos para tratar essa questão, como em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953): "não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade". Os meandros da investigação que Freud realiza na exposição do caso do *Homem dos Lobos* confirmam estas afirmações, nelas retomando seu pleno sentido.

[8] Essa concepção cronológica corresponde, no gráfico, aos tempos em negrito.

[9] Lacan. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. (1957/1998, p. 522)

> Freud exige uma objetivação total da prova quando se trata de datar a cena primária, mas supõe, sem mais aquela, todas as ressubjetivações do acontecimento que lhe pareçam necessárias para explicar seus efeitos a cada volta em que o sujeito se reestrutura, isto é, tantas reestruturações do acontecimento quantas se operem, como se exprime ele, *a posteriori*.[10]

[10] Lacan. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.* (1953/1998, p. 257)

O caso do *Homem dos Lobos* coloca, então, duas questões fundamentais que serão recuperadas por Freud no texto do ano seguinte, *Bate-se numa criança* (1919):

- A fantasia como produção de linguagem que mostra ao mesmo tempo o assujeitamento à estrutura e a produção do sujeito
- O Complexo de castração como ordenador da cena de sedução e da cena primária que se articulam no Édipo

O Complexo de castração decide sobre a sexualidade do sujeito, mas o sujeito não quer saber sobre a castração. Em Freud, portanto, a construção da fantasia desemboca no Complexo de castração como irredutível a qualquer interpretação. Pode-se apreender e extrair daí, portanto, não mais a história cronológica da neurose na infância, mas os tempos lógicos da construção da fantasia que inclui o infantil como o lugar do que resta de não-falante a partir do encontro traumático do vivo com o significante. Com efeito, em *Bate-se numa criança* Freud conclui as questões levantadas no caso do Homem dos Lobos afirmando que a fantasia não se interpreta; constrói-se em três tempos lógicos: um rival é espancado (no caso: a irmã); o próprio sujeito é espancado (construção de Freud) e, finalmente, *Bate-se numa criança* (no caso: as crianças do calabouço), no qual o sujeito é reduzido a um olhar (como revelam o sonho e a cena primária).[11]

[11] Essa concepção lógica corresponde, no gráfico, aos tempos em itálico.

T1 *T2* *T3*
Sintoma → Cena de sedução → Sonho → Cena primária

Fica evidente que a Outra cena (a primária) jamais poderia ser anterior ao significante, pois ela é um efeito de significante. A fantasia é uma produção de linguagem que revela, a um só tempo, o assujeitamento estrutural à realidade do significante e a produção do sujeito na tentativa de responder à falta do Outro tomada como demanda endereçada a ele. Lá onde não há referência na realidade, lá onde falta o saber sobre a não existência da relação sexual, o sujeito cria o objeto,

positivando a falta que o constituiu. Daí a dupla vertente do objeto "a", ao mesmo tempo causa de desejo e mais de gozar. Embora seja essa a lógica que sustenta o sujeito, a fantasia é construída na análise, já que a entrada em análise supõe a passagem para uma linguagem artificial que subverte o sujeito.

No seminário *A lógica da fantasia*, Lacan retoma mais uma vez o caso do Homem dos Lobos, dizendo que "a associação livre nos conduz sobre o plano da estrutura de rede em uma dimensão que não é a da realidade, mas a da *verdade*. Neste caso, o essencial é saber de que modo o sujeito pôde articular essa cena em significantes, quer dizer, verificá-la em todo o seu ser e por seu sintoma"[12]. Deslocar o debate para a questão da verdade é profundamente instigante, dada a complexidade de como esse conceito é tratado na obra de Lacan. Excede muito os limites desse trabalho realizar um inventário dessas articulações, mas não podemos deixar de mencionar que, se o Lacan do início dos anos 1960 fala em verdadeiro desejo[13], aos poucos a divisão entre o saber e a verdade evidencia-se. O que me interessa no recorte específico que estou trabalhando, entretanto, é observar o que considero a conclusão de Lacan sobre essa questão, que se dá em *O seminário – livro 17*: trata-se de uma conclusão topológica, ou seja, a verdade é um lugar. O saber e a verdade, portanto, são de ordens diferentes, já que o saber é da ordem do significante (S2). Pela elaboração topológica do discurso sem palavras, podemos retomar a questão da construção da fantasia:

Se tomarmos o giro do discurso do mestre para o discurso da histérica como uma possível representação da entrada em análise, podemos pensar na relação da fantasia com a verdade:

Agente	outro	S1 → S2	$\not{S}$ → S1
verdade	produção	$\not{S}$ a	a S2

No discurso do mestre, o saber inconsciente submete o sujeito instalado no lugar da verdade à impotência de alcançar o objeto produzido em sua fantasia. A entrada em análise provoca a histericização do discurso, o que significa que a transferência torna possível a produção de um saber sobre o objeto colocado no lugar da verdade. Poderíamos pensar que a construção da fantasia em análise é possível graças a essa suposição de um saber – o equívoco do sujeito suposto saber – sobre o gozo, sobre o trauma, sobre o infantil como o impossível de falar. O próprio discurso, entretanto, revela que há uma impo-

[12] Lacan. Seminario 14. La lógica del fantasma (1966-1967, aula de 7/12/1966). Inédito.

[13] Expressão utilizada por Lacan em *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*, (1988)

tência da verdade, como esclarece Lacan na aula de 10/06/1970 de *O seminário – livro 17*.

Há, nesse sentido, uma especificidade do discurso do analista no que diz respeito ao tratamento possível para o impossível do gozo. Só é possível tratar o *infans* por um saber que se acrescente ao Real, um saber no lugar da verdade. A verdade que, como sabemos, tem estrutura de ficção. Assim, o trauma é verdadeiro porque, como diz Lacan, "o verdadeiro visa ao real". Quanto ao tratamento desse real pelo simbólico – que chamamos de psicanálise –, Lacan nos diz: "recorrer ao não-todo... isto é, aos impasses da lógica, é mostrar a saída fora das ficções de mundanidade, *fazer outra ficção do real*, isto é, do impossível que o fixa pelas estruturas de linguagem".[14]

[14] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969/1970) (1991)

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Historia de una neurosis infantil (caso del "Hombre de los lobos") (1918). In: *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

GAY, Peter. *Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e a dialética do desejo (1960). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *Seminario 14. La lógica del fantasma* (1966–1967). Versão não estabelecida, s/d.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 7: A ética da psicanálise* (1959/1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

SAURET, Marie-Jean. *De l'infantile à la structure*. Séries de la Découverte Freudienne, 1992.

resumo

O presente trabalho apresenta o historial clínico de Freud conhecido como *O Homem dos lobos*, recuperando o debate travado com Jung e Adler a respeito da importância da infância na etiologia das neuroses. Demonstra a passagem de Freud de uma temporalidade cronológica que aponta a infância como fase da vida em que acontecimentos reais traumatizam o sujeito, para uma temporalidade lógica e topológica, na qual o infantil é tratado como o lugar da Outra cena inconsciente a ser construída em análise. O debate sobre a realidade ou não da cena primária é subvertido por Lacan no seminário *A lógica da fantasia* e retomado no plano da discussão sobre a verdade e a montagem fantasmática. A partir da história da neurose infantil do Homem dos lobos pode-se, portanto, apreender os tempos lógicos da construção da fantasia tal como Freud apresenta em *Bate-se numa criança*. A partir dessas articulações teóricas, desenvolve-se a idéia do infantil como aquilo que resta do encontro do vivo com o significante; o resto impossível de dizer e que só pode ser construído no percurso de uma análise

palavras-chave

Homem dos lobos, infância, etiologia das neuroses, cena primária, tempos lógicos, construção da fantasia

abstract

This article presents Freud's clinical case known as the *Wolf Man*, recovering the debate with Jung and Adler on the role of childhood in the ethiology of neurosis. It demonstrates Freud's move from a chronological temporality – pointing to childhood as a period of life when real events caused a trauma – to a logical and topological temporality that considers the infantile as the locus of Other unconscious scene to be constructed during analysis. The debate on the "reality" of the primal scene is subverted by Lacan in his seminar *The Logic of Phantasy*, and resumed at the truth and fantasy construction discussion level. Therefore, from the Wolf Man infantile neurosis case it is possible to apprehend the logical time of fantasy construction as presented by Freud in *A Child is Being Beaten*. From these theoretical articulations, the idea of the infantile as what is left from the interaction between the living and the signifier is developed: the unspeakable that can only be constructed during the psychoanalytical process

key words

Wolf Man, childhood, ethiology of neurosis, primal scene, logical time, fantasy construction